

## sangue novo

# Posada faz das raízes sua Flecha Envenenada

Joana Luna Camargo

Aos 5 anos, a porto-alegrense Paula Posada, filha de mãe belenense e de pai de ascendência colombiana, tinha aulas de violino, por incentivo paterno, e cantava no coral de uma escola de música - memórias a que somou, mais tarde, à banda de fanfarra do colégio. É a mesma artista, DJ e produtora que agora voltou a Belém, cidade onde passava temporadas de férias desde a infância, para gravar o videoclipe de *Madrugada*, já disponível nas plataformas digitais, e dar continuidade ao seu disco de estreia *Flecha Envenenada*, lançado em março deste ano.

Dirigido por Guima Netto, o clipe começa na Matinha, bairro onde a mãe de Posada cresceu, e

segue de bicicleta, hábito da adolescência da artista, pelo Mercado de São Brás, onde ela costuma comprar discos, e pelo Porto Solamar, até chegar a uma travessia de barco no Rio Guamá. Gravar o audiovisual da canção, que transita entre o reggae e o dancehall, na cidade materna, era desejo antigo - "a realização de um sonho", diz.

A herança de uma família longe do próprio território moldou o gosto musical e as pesquisas de Posada. A conexão com essas raízes, segundo ela, "sempre foi muito forte". Em Porto Alegre, porém, a música virou ofício. Em 2013, ainda no cursinho pré-vestibular, circulava pelos movimentos sociais num momento de ocupação do espaço público na cidade e, com amigos, passou a propor



DJ, cantora e produtora lançou primeiro álbum em março, unindo sonoridades brasileiras e estilos como reggae e house

outras formas de ocupar as ruas: com discotecagem.

Nessa época, ela atuava como Dona Ana. Mais tarde, assumiu o sobrenome, em busca de algo que a representasse mais e que, de certa forma, homenageia a origem colombiana do pai. Da mesma movimentação nasceu Arruaça, coletivo autônomo formado por DJs, artistas visuais e produtores culturais, que existe desde 2014 e do qual ela faz parte até hoje.

Posada cursou o bacharelado em Música Popular na Ufrgs e acompanhou de perto as mudanças do curso, que, segundo ela, refletiam o que já acontecia fora

dali, onde atuava. Quando colegas e professores foram conhecer seu trabalho, a descoberta, diz, foi "um choque" - que ela levou para dentro da academia. Em 2019, a residência artística do Projeto Concha, que durou um ano, a fez enxergar a necessidade de começar a também produzir. Na pandemia, escreveu o TCC sobre sua trajetória na universidade como mulher indígena, DJ e produtora.

Desse mergulho nos territórios saiu *Flecha Envenenada*, primeiro álbum autoral, que une ritmos do Norte e Nordeste, como coco e carimbó, a sonoridades globalizadas como reggae, dancehall e

house. Juntar tantos gêneros num só disco trouxe a dúvida: será que tudo aquilo combinava? A resposta veio ao longo do processo. "De alguma maneira, eu estava representando o que faz parte de mim", relembra.

O próximo passo é um novo single, produzido por Diabelsmusiq. "É uma canção de R&B com pegada de dancehall e afrobeat, mais lo-fi e com uma vibe de primavera", conta, sem querer revelar muito. Há apresentações planejadas, ainda sem data, e a ideia é circular em 2027 com banda, repensando os *pocket shows* que tem feito até então.

## Qual é a boa?

Durante os anos 1940 e 1950, era comum que emissoras de rádio tivessem orquestra



Durante os anos 1940 e 1950, era comum que emissoras de rádio tivessem orquestras próprias que entoavam canções ao vivo, para o deleite dos ouvintes. Nesta sexta-feira, às 20h, a Ospa recria a atmosfera desta época num espetáculo que homenageia não só a Era de Ouro do Rádio, mas o legado do gigante Lupicínio Rodrigues. *Lupi Vive* foi idealizado como um legítimo programa de rádio, com apresentação do próprio cantor - interpretado por Álvaro RosaCosta - que conduz a plateia por temas como *Nervos de aço*, *Se acaso você chegasse* e *Vingança*. Andréa Cavalheiro e Glau Barros revezam-se com Álvaro nos vocais das músicas. Ingressos no Sympla.

**Andressa Pufal,** repórter de Cultura-JC



Se você curte histórias reais que parecem roteiro de filme, a dica é maratona os oito episódios da quarta temporada de *Monstros*, na Netflix. Desta vez, a série - que já falou de Jeffrey Dahmer, dos irmãos Menendez e Ed Gein - conta uma das histórias criminais mais famosas dos EUA, a de Lizzie Borden, acusada pela polícia de matar o pai e a madrastra em 1892, mas inocentada pelo júri. Ella Beatty arrasa como protagonista. Outro destaque é a trilha sonora, que mistura rock, punk e clássicos como *Cherry Bomb*, das Runaways, e *I'm on Fire*, de Bruce Springsteen. Boa pedida para quem gosta de histórias que deixam no ar aquela pergunta: afinal, o que realmente aconteceu?

**Cristine Pires,** editora-assistente de Economia



Para os cinéfilos, a minha sugestão é procurar por *Morte e Vida Madalena*, dirigido por Guto Parente. O longa conta a história de uma produtora de cinema que, grávida e quase dando à luz, vê o filme em que está trabalhando (uma ficção científica de baixo orçamento) prestes a desabar: o roteirista (e pai dela) faleceu, o diretor (seu marido) sumiu e muitos imprevistos ameaçam paralisar a produção. O equilíbrio entre comédia e drama é excelente, e a atuação de Noá Bonoba como Madalena segura a história com maestria. Em um momento tão bom para o cinema brasileiro, esse simpático e divertido filme pode passar despercebido - o que seria uma pena, vá por mim.

**Igor Natusch,** editor de Cultura do JC



Minha dica para este sábado é o *Show de Trap*, que chega à Poa Arena com abertura da casa às 21h. A proposta é reunir diferentes gerações do gênero e artistas de várias partes do país: Alee, Yunk Vino, Derek, Jovem Dex, Leviano e Dessiiik - com participações especiais de Klismann, Jimmy, PHL Notunrboy, Senndy e Emitê Único. Pra quem gosta de trap, como eu, é a chance de ver nomes consolidados - como Derek, um dos responsáveis por popularizar o trap no país, e o baiano Jovem Dex, dono de NAV - ao lado de quem vem renovando a cena, caso do paulista Dessiiik, de 21 anos, que lançou neste ano uma *mixtape* com o cearense Leviano. Ingressos pelo Sympla.

**Joana Luna Camargo,** repórter do JC